

# A IMPORTÂNCIA DA FIGURA DA SERPENTE NO MITO COSMOGÔNICO SATERÉ-MAWÉ

Mateus William da Silva Doce<sup>1</sup>  
Delma Pacheco Sicsú<sup>2</sup>

## RESUMO:

Este artigo trata da importância da figura da serpente no mito cosmogônico Sateré-Mawé e evidencia a maneira como se a entrelaçam a partir desse mito diversos saberes, culturas e conhecimentos. O presente estudo tem por objetivo geral mostrar a importância da Serpente Unhamangará na mitologia Sateré-Mawé para uma compreensão da dimensão cultural e sua relevância na realidade cultural dos povos amazônicos. Destaca-se a relevância da investigação desse elemento presente na mitologia Sateré-Mawé para identidade sagrada e cultural dos povos amazônicos quase esquecida no tempo, o papel ontológico que aí está presente e sua dimensão para uma representatividade na realidade cultural desses povos. A presente pesquisa possui a metodologia de natureza qualitativa, o método de abordagem é fenomenológico e hermenêutico e a pesquisa é bibliográfica. Como aporte desta pesquisa, toma-se os estudos de Barthes (2001), Jatobá (2014) e outros que ajudaram na temática aqui discutida. A serpente Unhamangará ganha a função de renovação e retorno ao seu ser, assim como a vida e morte, de identidade acerca da cultura, estado social e político sateré-mawé, sendo significativo para a manutenção dos povos da floresta que se encontram na Amazônia. Contudo, o mito cosmogônico Sateré-Mawé se constitui de aspectos importantes, não só para a identidade desse povo, mas para uma compreensão da realidade amazônica como um todo, e tais informações, provenientes de tempos antigos, têm a haver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, constituiu civilizações e formaram religiões através dos séculos.

**Palavra- chaves:** Mito, Cosmogonia, Serpente.

## ABSTRACT:

This article deals with the importance of the snake figure in the Sateré-Mawé cosmogonic myth and highlights the way in which it intertwines with this knowledge, cultures and knowledge. This study aims to show the importance of the Unhamangará Serpent in Sateré-Mawé mythology for an understanding of the cultural dimension and its relevance in the cultural reality of the Amazonian peoples. We highlight the relevance of the investigation of this element present in Sateré-Mawé mythology for the sacred and cultural identity of the Amazonian peoples almost forgotten in time, the ontological role that is present there and its dimension for a representativeness in the cultural reality of these peoples. This research has a qualitative methodology, the approach method is phenomenological and hermeneutic and the research is bibliographic. As a contribution of this research, we take the studies of Barthes (2001), Jatobá (2014) and others who helped in the theme discussed here. The Unhamangará serpent acquires the function of renewal and return to its being, as well as life and death, of identity about the culture, social and political

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras/NESMAU-Núcleo Estudos Superiores de Maués/Universidade do Estado do Amazonas – UEA, e-mail: mateuswilliam.mws27@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas, professora do curso de Letras da UEA (Universidade do Estado do Amazonas), orientadora de projetos de pesquisas sobre literatura infanto-juvenil amazonense do Programa de Apoio a Iniciação Científica (PAIC), pesquisadora do Núcleo de investigação da Cultura e Educação no Baixo Amazonas (NICEBA), Orientadora de Trabalhos de conclusão de Curso na área de Leitura, Literatura Infanto-juvenil e Teoria Literária. E-mail: delmasicsu@bol.com.br

state of sateré-mawé, being significant for the maintenance of the people of the forest in the Amazon. However, the cosmogonic myth Sateré-Mawé is important not only for the identity of this people, but for an understanding of the Amazonian reality as a whole, and such information, from ancient times, has to do with the themes that always they sustained human life, constituted civilizations, and formed religions through the centuries.

**Words - key:** Myth, Cosmogony, Snake.

## 1. INTRODUÇÃO

As serpentes sempre suscitaram um rico e variado repertório de mitos e lendas desde tempos imemoriais. Associadas, simultaneamente, ao Cosmo e ao Caos, ao mundo celeste e infernal, ao bem e ao mal, representando um dos maiores enigmas da relação simbólica da natureza animal com o humano, o sentido dessa relação só pode ser compreendido através de uma imersão nas representações do seu imaginário nas artes, nas culturas e nas religiões que congregam fantasias, realidades e crenças construídas a partir das experiências que os homens acumularam desde o convívio com esses répteis, ameaçadores até hoje. O intuito da presente pesquisa centra no estudo desse símbolo como peça de fundamental importância cultural da etnia Sateré-Mawé para a compreensão da realidade. Diante desse contexto, faz-se o seguinte questionamento: Por que a figura da Serpente Unhamangará, da mitologia Sateré-Mawé é importante para a compreensão da realidade do espaço amazônico na atualidade?

O objetivo geral do presente artigo é mostrar a importância da Serpente Unhamangará na mitologia Sateré-Mawé para a compreensão da dimensão cultural e sua relevância na realidade cultural dos povos amazônicos.

A pesquisa em questão tem como objetivos específicos: identificar o papel simbólico e relevante da serpente como figura predominante nos mitos da criação do homem, a partir da mitologia cosmogônica Sateré-Mawé; descrever os paradigmas dicotômicos da cosmogonia Sateré-Mawé para o nascimento e desenvolvimento do homem tal qual o conhecemos quanto ao processo positivo e/ou negativo segundo o mito; apresentar o papel estruturalista do simbólico negativo e/ou positivo da serpente Unhamangará da mitologia Sateré-Mawé em relação às serpentes das gêneses da criação e multiplicação dos homens.

Assim, ao nos aprofundarmos nos domínios da análise de um símbolo, seja em sua forma codificada gráfica ou artística, seja em sua forma vivente e dinâmica dos sonhos e visões, um de nossos interesses essenciais é compreender o seu valor fundamental para a realidade. Nesse sentido, faz-se necessário uma compreensão e a importância de uma investigação desse elemento presente na mitologia Sateré-Mawé para identidade sagrada e cultural dos povos

amazônicos quase esquecida no tempo, o papel ontológico presente nesse elemento mítico e sua importância para uma representatividade na realidade cultural amazônica.

## **2. EXPRESSÕES CULTURAIS DO MITO COSMOGÔNICO NA AMAZÔNIA**

Os mitos cosmogônicos constituem interpretações das ações, das expressões, do mundo real, do sentido do “eu”, cujos os símbolos estão na superfície da realidade percebida e que, em sua essência são sentidos que realizamos durante nossa existência sem os quais viver não teria sentido. São as histórias e experiências de nossos antepassados que estimulam o nosso imaginário para além da aparente realidade do mundo, como afirmava Platão, e não são mais que sombras, envoltas numa linguagem singular, inebriando-nos os mais quiméricos devaneios.

Assim sendo, é que se discute, neste trabalho científico, sobre o mito cosmogônico da etnia Sateré-Mawé, em especial a importância da figura da Serpente Unhamangará para a identidade cultural dos povos amazônicos.

### **2.1 Memória da criação do mundo**

Nas tradições humanas, as mitologias são como símbolos fomentadores da realidade percebida, de um mundo “real” de energia estruturada, de forças naturais, da qual podemos também dizer, de pretensão coletiva. Destarte, os mitos foram e são até hoje, um desenvolvimento do pensamento humano que ajudou a modelar o mundo do qual somos parte, ou seja, parte da memória da criação.

O homem sempre buscou explicações para fatos tão cruciais como a vida e a morte. Estas tentativas de explicar o início e o fim da vida humana foram sem dúvida responsáveis pelo aparecimento dos diversos sistemas filosóficos. Explicar a vida implica a compreensão dos fenômenos da concepção do nascimento. Estas são importantes para a ordem social. (LARAIA, 1932, p. 89)

Certamente o tema é complexo e muitos afirmarão que é necessário, pelo menos se ficar circunscrito às culturas, às sociedades. As mitologias cosmogônicas formam um todo, assim como a evolução do pensamento racional, de maneira que toda a limitação do tema é apenas um corte arbitrário da realidade para centralizar apenas um elemento. No caso da presente pesquisa, foca-se, especificamente, na figura da Serpente presente na Cosmogonia da etnia Sateré-Mawé. Com efeito, símbolos e mitologias estão intimamente ligados tanto por sua

essência quanto por seu desenvolvimento. Sem cessar, eles não deixaram de influenciar o mundo no decorrer dos anos, se auxiliando mutuamente ou se contradizendo reciprocamente. Kruger (2003) afirma que as narrativas rio-negrinas, mesmo as de caráter etiológico, quase sempre aludem à cosmogonia, razão pela qual têm gênese divina.

Barthes (2001) diz que o mito é um sistema de comunicação; é uma linguagem. O mito é, pois, um modo de significação; uma forma. Esse entendimento não está dentro da visão que enfatiza a vida dos sujeitos indígenas na harmonia entre homem e natureza, mas na visão de que os povos indígenas promoveram intervenções sobre ela a partir dos saberes que constituíram e possibilitaram o rearranjo de uma visão de mundo necessária para a manutenção social, tanto do ponto de vista das necessidades materiais quanto das necessidades de simbolização da vida.

Na sociedade amazônica é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o homem se afirma no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo. Essa forma de vivenciar, por sua vez, desenvolve e ativa a sensibilidade estética. Os objetos são percebidos na plenitude de sua forma concreto-sensível, forma de união do indivíduo com a realidade total da vida, numa experiência individual que se socializa pela mitologia, pela criação artística, pelas liturgias e pelas visualidades. Experiência sensorial que é essencial à vida amazônica, pois representa qualidade complementar à expressão de sentimentos e ideias, concorrentes para criar uma unidade cultural no seio de sua sociedade geograficamente dispersa. Esse comportamento vai satisfazendo as necessidades mais íntimas do espírito e alargando suas potencialidades, num processo em que os homens seguem evoluindo, renovando-se, transformando-se. (LOUREIRO, 2008. p. 155)

Ou seja, o homem amazônida com um olhar crítico compreende a Amazônia e sua natureza como um conjunto de corpo único no qual os elementos materiais se unem a elementos imateriais, revelando assim riquezas simbólicas que representam a vida e as coisas de quem habita as florestas como elemento espiritual.

Todos esses elementos revelam as crenças ancestrais dos índios Sateré Mawé presentes em suas narrativas de origem, retratando as raízes de um povo que tem na terra a centralidade de sua existência, e o mito é peça chave para mostrar os princípios de vida. Campbell (1992) diz que o mito é o princípio da vida, da ordem eterna, a fórmula sagrada para a qual a vida flui quando esta projeta suas feições para fora do inconsciente. São questões apresentadas muito mais para serem problematizadas, analisadas e pensadas, e não mais, para serem respondidas.

Analisar a Cosmogonia Sateré-Mawé é procurar entender como o significado da serpente Unhamangará emergiu, numa relação de combinação saber-poder, em determinados momentos históricos, atribuindo certos sentidos às coisas, adjetivando situações sociais,

promovendo deslocamentos nas formas de entendimento da relação entre a sociedade e a natureza humana, classificando e valorizando os sujeitos *antigos* para os modernos.

A Cena de Origem é emblemática: nos diz da configuração da realidade do mundo como lugar da epifania do sagrado, ainda que o sagrado se diga de muitos e distintos modos, segundo cada tradição cultural apresentada. Como a expressão da mundi-visão de cada uma, o mito constitui-se num importante alicerce dessas mesmas sociedades na medida mesma em que as inaugura e fundamenta. A palavra mítica é mantenedora e constituidora das sociedades que a veiculam e que vivem e se organizam segundo o princípio rigorosamente mnemônico e ordenador, que é próprio do verbo gerador, da palavra que *limpa o mundo* em cada vez que narra o seu aparecimento. A cada vez que conta como tudo que *é* veio a ser. (JATOBÁ, 2014, p. 28)

Se é impossível encontrar a origem do tempo, não é menos impossível escrever sua história. Considerado então, no abstrato, ele existe em si mesmo, não contém partes, e como indivisível sua denominação é infinita, porque compreende o passado, revela o presente e esconde o futuro em seu seio. Pode-se dizer que o Tempo é igual a Eternidade. Mas isso difere na medida em que se relaciona como o que deixou de existir. O tempo não pode ser representado e medido de outras formas, mas pelo movimento contínuo e indefinido, que encerra em si uma simples extensão de tempo combinada com o espaço.

## **2.2 Importância das narrativas mitológica Sateré-Mawé**

Os Sateré-Mawé vivem na região do Médio Rio Amazonas na reserva Andirá-Marau e tem forte ligação com a cidade de Maués. Segundo Lorenz (1992) era uma de suas primitivas aldeias, bem antes da chegada dos colonizadores europeus. Cultivam a planta do Guaraná, cuja história de origem, relatado no remo Purantin, espécie de clava de guerra onde estão gravadas em linhas, losangos e outras gravuras, bem como os primeiros dias da etnia e seu ciclo de lendas e mitos.

Os Sateré-Mawé são descendentes das tribos Andirá e Maraguá, juntamente com as etnias Munduruku, Parintintin e Mura, e estão localizados na área cultural do Tapajós-Madeira, dos estados do Pará e Amazonas. Atualmente são mais de 13.310 indígenas, segundo dados do IBGE 2010. Hoje eles ocupam o território demarcado em 06/05/1982 e homologado em 06/08/1986, numa área de 788.528 hectares e perímetro de 477,7 km<sup>2</sup>, abrangendo os Municípios de Maués, Parintins e Barreirinha no Amazonas e ainda os municípios de Itaituba e Aveiro no Estado do Pará. Nosso propósito nesta pesquisa, importante frisar, consistiu em

mostrar a importância da Serpente Unhamangará na mitologia Sateré-Mawé para uma compreensão da dimensão cultural e sua relevância na realidade dos povos amazônicos.

Com base nesse tipo de entendimento, destaca-se as emergências do mito cosmogônico Sateré-Mawé na relação de combinação saber-poder; a fim de fazer as análises das narrativas, emergidas de certos campos de saberes, procurando entender como eles atuaram, supostamente, afim de inventar os sujeitos tidos como indígenas para o homem na modernidade.

As análises das narrativas mitológicas sobre os povos indígenas enfocam as pretensões de verdade, assim como se pode dizer que os mitos usados em pesquisas de ensino e pesquisa, social e filosófica, possivelmente atuaram na condição de produção de um tipo de verdade sobre os povos narrados, de forma a promover ou sugerir um tipo de compreensão sobre a vida deles.

Embora não seja possível mensurar tal questão, busca-se perceber esse possível efeito no plano das recorrências, das reiterações das narrativas mitológicas. Nesse sentido, é que essa análise não tem como intenção medir os possíveis efeitos nas subjetividades dos sujeitos modernos, mas pretende analisar a influência como possibilidade de realização, pois se centra no entendimento dos efeitos de verdade dos mitos para assim chegar à importância do mito cosmogônico da etnia Sateré-Mawé.

Cabe também ressaltar que os mitos se posicionam diante daquilo que registram, escolhendo um ângulo (social, político, econômico, cultura, etc.) a partir do qual constroem os argumentos que lhes convêm para apresentar à sociedade um determinado fato, um acontecimento. Porém não se assume a ideia de que a mitologia apresente o fato em si, mas, sim, uma versão, uma perspectiva do fato, uma aproximação, uma própria visão de mundo.

### **2.3 A Serpente na cena da origem do mundo**

As narrativas mitológicas a respeito dos povos indígenas da etnia Sateré-Mawé estão imbricadas em inúmeras questões e comportam os mais diversos enredos que os envolvem direta ou indiretamente, seja no sentido de usá-los como sujeitos que apresentam, nos modos de relação com a natureza, atitudes de conservação da fauna e da flora. Nessa perspectiva, são compreendidos como aqueles que podem colaborar para a conservação do ambiente e da defesa dos povos indígenas. Dito isso, podemos prosseguir acerca do que vem a ser a figura da serpente.

A serpente é um dos arquétipos simbólicos mais antigos da humanidade. Está presente em praticamente todas as culturas antigas como animal astucioso e misterioso. Ora sua imagem é negativa ora positiva, ora está relacionada ao um

ser masculino ora a um ser feminino, ora um ser mítico criado por Tupana ora um ser diabólico e sedutor. (NASCIMENTO, 2016, p. 151)

Simbolicamente, é desta forma que os povos da floresta concebem todas as coisas e percebem-nas como interligadas. Há uma conexidade entre todos os elementos e tudo converge para a realização de todas as coisas no símbolo máximo que é a serpente, sejam aquelas de ordem divina ou humana.

No livro “Serpentes: religiões, magias e mistérios: onde, como e por que são cultuadas” escrito por um autor londrino que preferiu o anonimato, sua obra foi traduzida para o português por Alexandrina Aparecida e Lopes de Oliveira. O autor abordou um tema considerado um tabu no final do século XIX. Segundo o autor, “a serpente é, de modo geral, o símbolo mais presente na mitologia do mundo”; mais adiante diz ainda que a serpente “preserva sua constância, como o único objeto invariável de terror supersticioso em todo o mundo habitável”. O autor finaliza citando Stillingfleet:

[...] ‘a serpente é tomada com alguma veneração peculiar’. A universalidade desta superstição é singular e irracional, uma vez que não existe nada em comum entre a divindade e o réptil, para sugerir a noção do culto de adoração à Serpente; e é natural, porque considerando como verdade os eventos no Paraíso, toda probabilidade está a favor de tal superstição que está sendo criada.” (2005 p. 9)

Assim, o símbolo da serpente é predominante em várias culturas cosmogônicas do mundo e não poderia ser diferente da cultura Sateré-Mawé do Estado do Amazonas, no Brasil, uma vez que é um ser presente em diversas narrativas rio-negrina, revelando que a influência dos povos da floresta ultrapassa os tempos e reaviva suas tradições e crenças sobre o mundo que os cerca.

Importa, principalmente, aqui analisar como a figura da serpente no mito cosmogônico, aborda a sociedade indígena Sateré-Mawé. Ou seja, como esses sujeitos são narrados, nomeados e classificados pelos diversos saberes da atualidade e, ainda, como são incluídos e excluídos nas causas que são apresentadas e defendidas pelas narrativas.

### **3. METODOLOGIA**

A presente pesquisa possui a metodologia de natureza qualitativa, uma vez que é colocado o mito como fenômeno social indígena sateré-mawé de forma holística de compreensão. Segundo Creswell (2007) o método qualitativo é fundamentalmente

interpretativo em que o pesquisador faz análises dos dados. Quanto ao tipo de pesquisa é explicativa, pois são apresentados os dados e as interpretações acerca do assunto. O método de abordagem é o fenomenológico com apoio no hermenêutico. Segundo Gil (1946) “a fenomenologia preocupa-se em entender o fenômeno como ele se apresenta na realidade”. Por sua vez, o método hermenêutico segundo Prodanov (2013) ao propor modelos de representações de variáveis e de tipos, busca a interpretação das coisas.

O método de procedimento é monográfico. Segundo Oliveira (1999) a investigação deve examinar o tema escolhido, observando todos os fatores que o influenciaram e analisá-lo em todos os seus aspectos. A técnica de pesquisa foi de documentação indireta e implicou o levantamento de dados de variadas fontes. Quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas, esta fase da pesquisa foi realizada com intuito de recolher informações prévias sobre o campo de interesse. Além do método monográfico, foi utilizado também o método estruturalista. Segundo Fonseca (2008), o método estruturalista caminha do concreto para o abstrato e vice-versa, dispondo, na segunda etapa, de um modelo para analisar a realidade concreta dos diversos fenômenos.

Foi utilizada a pesquisa bibliográfica e/ou fontes secundárias, pois abrangeu toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses etc. Além disso, a pesquisa não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre o tema, mas propiciou o exame sob novo enfoque ou abordagem, chegando a novas conclusões.

#### **4. A SERPENTE SATERÉ-MAWÉ COMO SÍMBOLO DA FORMAÇÃO SOCIAL**

O mito cosmogônico Sateré-Mawé diz que a grande serpente, no princípio, habitava o reino da terra, e por livre espontânea vontade decidiu se afastar de Tupana (Sol) afim de ficar mais próxima de Yurupary (Lua) que não concordava com as obras de Tupana. A serpente angustiada, decidiu morar no fundo das águas com Yurupary e de sua relação com ele surgiu na terra todos os males conhecidos. Atribulados com tantas desordens, os habitantes da terra resolveram recorrer aos Paini-Pajés para resolverem a situação. Para isso, eles deveriam convencer Mói-Wató a deixar o mundo das águas e subir para a terra. Ela aceitou, e o ritual foi iniciado. Um único interdito estava previsto na pajelança: enquanto ela era transformada em planeta terra, não poderia olhar para baixo, ou seja, o reino das águas. Indignada pelo medo de ser esquecida por todos os habitantes, ela desobedece. Yamã (2007) enfatiza que “por essa





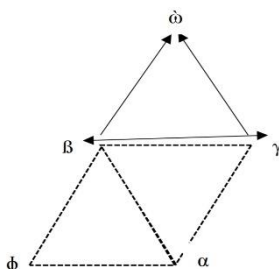
Segundo o mito cosmogônico dessana, Yebá B̄uró pensou num jeito de criar o mundo e a futura humanidade. Para tanto, comeu ipadu e fumou cigarro. Em seguida, de seu pensamento, elevou-se um enorme balão: o mundo. Inspirada, criou, a partir do ipadu que voltara a mascar, cinco Trovões, chamados em conjunto de “Homens de Quartzo Branco”. Distribuindo quartos do mundo, o balão recém-criado, ordenou que fizessem a luz, os rios e a humanidade. Os Trovões, porém, criaram apenas os rios e deixaram ficar em casa.

O que é apresentado nas análises de Krüger é que a cada novo ser que surge, elimina definitivamente a ameaça de retorno ao Caos. Os Trovões resolveram tomar providências: realizaram uma festa na qual consumiram caapi, uma bebida alucinógena. Porém, nem mesmo com a ajuda do demiurgo conseguiram criar a luz e a humanidade. Um deles, ao tentar, apenas vomitou e dos resíduos do vomito formou-se uma grande montanha.

Krüger (2003) ainda nos diz:

Com esse tipo de divindade, neutralizaram a criação primordial e evitaram, simbolicamente, o retorno ao caos. É sempre preferível um deus que seja acessível à tribo, que ensine a ela o que é útil à vida social. O chamado herói-civilizador é um pouco mais humano e capaz de sepultar em definitivo o período anterior à existência do mundo. Mesmo que o deus primeiro, o ancestral, resolva punir os homens, exterminando-os pelo fogo ou pela água, o fim dos tempos não significa o retorno ao nada: é simplesmente o extermínio de uma humanidade, que precede o surgimento de outra. (p. 57)

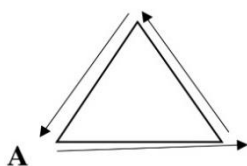
A situação de passividade em que o Demiurgo Supremo se refugia ou que outro deus força a assumir, modifica as relações relativas à cosmogonia. No caso específico da estrutura triangular dos dessanas, vemos um movimento levado a efeito pelo vértice  $\alpha$  (Yebá B̄uró) levou à eliminação de (o caos). Agora, o momento é o da criação dos seres humanos, caso em que a “Avó do Mundo” será o vértice a desaparecer. O autor designa o caos por  $\phi$ , e dele surgiu  $\alpha$  (Yebá B̄uró), que então criou  $\beta$  (os cinco Trovões), o último a surgir aí é a humanidade ( $\omega$ ) e a cada processo de criação um novo vértice surge e o antigo é apagado. Vejamos como o autor ilustrou suas análises:



De forma semelhante, a figura da serpente da cosmogonia da etnia Sateré-Mawé apresenta tais configurações triangulares. E seu ciclo de metamorfose que será apresentado mais adiante, será de uma cosmogonia num outro grau de criação.

A serpente Unhamangará possui como função a energia criadora de vida; ela própria se renova a cada ciclo de eventualidades que é expressada em cada mito Sateré-Mawé, narrado afim de manter em estado de conservação o cuidado para com a natureza (Mãe-Terra). Assim seus ciclos de renovação da vida não são circulares, mas desenha um ciclo triangular para o retorno ao ato de criação, pois surgem eventos entre os quais é preciso uma tomada de atitude, de reconhecimento de si própria, que por fim volta ao próprio estado inicial; e o retorno ao início significa a volta ao ser-criador e procriador, ou seja, voltar ao processo de cosmogonia.

Vejamos a ilustração a seguir acerca de nossas interpretações a que chegamos para compreendermos o processo de metamorfose que a serpente Unhamangará faz de acordo com seu ciclo:



A serpente será apresentada pelo símbolo **A** e as setas são na perspectiva da horizontalidade da trajetória de vida da serpente. Importante frisar que a trajetória aqui não é um círculo perfeito porque vemos de acordo com os mitos que ilustram a serpente, as tomadas de decisões entre *destruição da vida* e *criação da vida* e esse processo de atitude é sempre o do retorno ao ato de criação da vida, por isso é circular a trajetória que a serpente Sateré-Mawé exerce.

O que podemos concluir da ilustração acima? Que propriedades invariantes escapam ao nível superficial das interpretações, pois o símbolo da serpente reaparece num nível mais profundo e dotado de um maior rendimento funcional. Ao invés de ficar estática em seu próprio segmento da sua história, neste processo, o seu valor em relação aos demais mitos Sateré-Mawé, e ganham em valor de significação.

Quanto ao círculo do reaparecimento em outras narrativas indígena sateré, do qual se contesta a pertinência num diagrama figurado das relações de significação, convém fazer duas observações a esse respeito. Em primeiro lugar, e contrariamente ao que se afirmar, o diagrama não concerne somente às relações do ressurgimento do símbolo da serpente, mas mostra como

as relações de aliança, a estrutura social, a organização espacial, as representações religiosas, etc., formam um sistema e conduta de vida amazônica. E por último, com efeito, esta última regra é indispensável para que as ligações retas permaneçam sempre distintas das ligações oblíquas, pois afinal, é sobre a oposição entre esses dois tipos de ligação que repousa toda a interpretação do sistema de crenças da etnia Sateré-Mawé, tanto no que concerne às atitudes quanto ao reavivamento dos mitos.

Outro ponto importante destacar é o processo do reaparecimento da serpente em outros mitos. Por isso é preciso compreender seu papel de relação positiva ou negativa ao ato do surgimento da figura do homem no mundo.

## **5. NASCIMENTO E RESSURGIMENTO DOS HOMENS APÓS A MORTE**

A serpente, para os Sateré-Mawé, está presente no início da humanidade como a figura sedutora que de dia se deitava com o Sol e à noite com a Lua, sem que ambos os astros soubessem da traição. Dessa relação dupla, a mesma gerou um casal de gêmeos do qual não se sabia quem era o pai. (Yamã, 2007) relata que, a figura de Tupana (Sol) representa o dia e as coisas visíveis e a de Yurupary (Lua), a noite e as coisas invisíveis, o mistério.

Segundo o Dicionário de Símbolos de Cirlote (1984), as serpentes são poderes protetores das fontes da vida e da imortalidade, bem como dos bens superiores simbolizado pelos tesouros ocultos. A serpente Mawé é transgressora do tempo e das coisas e não se deixa apreender pela razão. Ela só é possível ser entendida quando somos capazes de transgredir toda forma de racionalidade que seja aquela que desperta do intermediário entre o ser e o nada ao mesmo tempo.

Fonseca (2013, p. 24) nos diz que

a cobra é vista por alguns povos indígenas e ribeirinhos da floresta amazônica como a própria imagem de um ser perfeito. Tome-se, à guisa de um simples exemplo, a sua capacidade de pertencer ao mundo aquático, de transitar com uma desenvoltura invejável pela terra e conseguir atingir os galhos mais altos das imensas árvores da floresta. Por isso, não é descabido concluir que ela enfrenta todos os reinos da natureza, o da água, o da terra, o do ar [...] o do fogo, uma vez que sua língua se movimenta em forma de chama e o veneno que ela injeta é tão ardente que queima o corpo.

O autor nos apresenta o imaginário utópico amazônico acerca da representação da serpente como criatura com capacidade de se mover na água e terra, além de possuir uma língua que se assemelha ao fogo e o veneno que abrasa o corpo, indicando assim a perspectiva do liame serpente que é a de um ser mítico, existente na concepção primordial do universo, pois os elementos que a caracterizam na percepção empírica do autor são os mesmos que formaram o cosmos e o homem (terra, água, fogo e ar).

A serpente também representa a vida como o renascimento após a morte. Vejamos por exemplo o mito do Timbó Vermelho: O pai deu a obrigação ao filho de guardar o segredo da planta, no entanto acabou dizendo o nome da planta: O Espírito De Um Grande Peixe. Foi então convocada uma reunião pelos curiosos e convidaram o pai do menino que viajava pelo mundo. Foi convidado, na ocasião, a Coruja Grande para vigiar o menino quando fossem atacá-lo. O Macaco Cuxiu também foi convidado para ajudar na continuação da conversa. O pai deu início à conversa, mas quando chegou a vez de Cuxiu não conseguiu contar o resto da conversa, então os peixes fizeram judiação ao menino que adoeceu e morreu noutro dia. O pai foi ao encontro do irmão pajé e este disse que o espírito do menino estava na guelra dos peixes. Então as coxas do menino foram arrancadas e outras partes também. As veias do corpo morto se tornaram raízes e o chamaram de Timbó Vermelho por ser mais fácil de lembrarem. As raízes foram colocadas nas águas e os peixes foram mortos e noutro dia a raiz foi plantada para que crescesse, Uggé (1997).

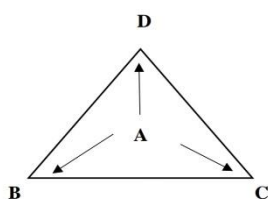
O que aprendemos com esse mito é que uma desobediência gera punições futuras, mas que com o aprendizado é possível ressurgir uma nova vida, como acontece com o filho do homem, de ressurgir agora em forma de timbó e renascimento quando foi plantado afim de que nunca morresse e fosse sempre lembrado e usado. O ressurgimento só é possível quando plantado na Mãe-Terra, pois esta é a única que dá vida aos seres vivos. Ou seja, tudo que morre e é enterrado irá renascer da morte, pois a Serpente Mãe-Terra é o ser que faz surgir a vida.

Isso também pode ser visto no mito do guaraná em que Anhyã-muasawê ficou grávida de uma cobra após os homens Araras fazerem uma arte para engravidá-la. Com o passar o tempo os tios do menino decidiram matá-lo. Com a morte do menino a mãe pegou parte do corpo que estava com o testículo, enterrou o corpo e plantou os olhos que foram arrancados. Com isso vemos que foi possível o filho ressurgir graças ao testículo em contato com a terra e os olhos foram transformados em guaraná.

Com isso, podemos dizer que as mortes presentes em cada mito são importantes e paradigmáticas, pois a serpente, que primeiro mantém como ser primeiro a que nos referimos, revela uma relação de diversidade. Esses paradigmas, que sempre aparecem nos mitos, aliam-se e nos permitem a leitura do sintagma mitológico amazônico.

Podemos também dizer que é possível constatar que o mundo criado (Mãe-Terra) pelos Painí-pajés, se relaciona ao delírio do medo da morte, pois a humanidade passou, por ocasião do nascimento pelo estágio de provação da vida: zelar a natureza afim que nada de mal aconteça aos que nela convivem. Esse mundo é criado, evidentemente, com consciência, porque está nos primórdios, o que é atestado pela presença das cobras, animal que sempre se situa no ponto de partida; está ele em analogia com o universo formado do corpo de Unhamangará.

Não podemos deixar de representar as estruturas ilustrativas da cosmogonia, em virtude de os mitos se reportarem com frequência aos primórdios. Tais estruturas são as mesmas no dia-a-dia da etnia Sateré-Mawé. Assim, chegamos a mais uma interpretação, considerando o renascimento como centro do evento e designando-o pela letra **A**, (a letra **a** também representa a Serpente), temos, com vértices que se interinfluenciam, os padrões **B**, **C** e **D**.



A partir da ilustração que apresentamos, podemos questionar: qual a relação entre os vértices **B**, **C** e **D** do triângulo e qual sua origem em **A**? Cremos que, a este respeito, a resposta possa ser dada nos seguintes termos: desejo de civilização e desenvolvimento dos padrões culturais e que constitui uma de nossas primeiras ideias sobre o complexo pensamento sociocultural da etnia Sateré-Mawé remete à própria estrutura do universo, que é vertical, haja vista que o modo de pensar do índio confirma nosso raciocínio, pois este possui o cuidado para com a natureza preservando-a. Indo um pouco mais adiante, podemos conjecturar que a divisão social indígena moldou na mente dos indígenas esse tipo de estrutura para a criação do demiurgo, a qual se estendeu inconscientemente aos padrões de vida e formas culturais.

## 6. A SERPENTE COMO FIGURA PREDOMINANTE NA MITOLOGIA COSMOGÔNICA SETERÉ-MAWÉ

A compreensão por meio da etimologia da palavra, o mito judaico, desassocia a imagem da serpente como princípio de todo o mal, e a coloca como partícipe da criação de Deus, conforme a tradição religiosa cristã menos erudita. É a partir dela que paira o nascedouro da humanidade e não sua perdição. A serpente na sua essência representa o símbolo da fecundidade, multiplicação e povoamento sobre a terra.

Os mitos em sua essência são viagens que empreendemos durante nossa existência e sem os quais viver não teria sentido. São as histórias e as experiências de nossos antepassados que movem o nosso imaginário para além da aparente realidade do mundo. Além de ser persistente, a figura da serpente é emblemática desde os primórdios da civilização.

Essa emblemática viagem nos sugere pensar a cobra não somente como destino (*moira*), mas retorno (*apódosis*) que também significa a conclusão de algo iniciado, ou em outros termos, o fechamento de um ciclo. Obviamente que este tempo ao qual nos referimos não é um tempo linear-quantitativo, mas sim um tempo qualitativo, ontológico. Essa serpente que não é nem macho nem fêmea, que não é deus nem o diabo, que está presente no começo e se nos apresenta também como possibilidade de fim, é sem dúvida símbolo de nossa trajetória humana marcada por um contínuo vir-a-ser. (NASCIMENTO, 2016, p.154-155)

Como vimos nos mitos, a Serpente (Mãe-Terra) através do seu chamado para si, o centro da terra, está proporcionando a vida para quem vive na superfície de seu corpo, afim de que os seres mantenham a vida permanente e plena de reconhecimento.

Para os Sateré-Mawé, retornar ao ventre da Grande Terra significa reencontrar-se com o Grande Andrógono manifesto na raiz do pensamento mítico Mawé, sob as figuras da raiz - Espírito de um Grande Peixe, Uniã Wuã Sap'í, Waraná e Watiamã. Essas figuras míticas ligadas diretamente ao grande andrógono representam todo o ciclo vital do complexo pensamento Sateré-Mawé em sua cosmologia e cosmogonia.

Podemos encontrar, por exemplo, outras narrações primitivas sobre os mitos aqui descritos, como vemos nas notas de Enrique Uggé (1997) sobre os o mito da origem da Tucandeira, que conta que Mupynükuri, cavou profundamente a terra e trouxe as tucandeiras do reino das cobras, ensinou como enfeitar a luva da tucandeira com pena de pássaros, compôs a música e versos das danças deste ritual. E mais adiante vemos a nota 3.1 em que o autor diz

que segundo os antigos, as tucandeiras originaram-se dos cabelos dos órgãos genitais das cobras fêmeas.

Com isso podemos dizer que o processo de criação, da morte e da vida, faz parte dessa enigmática figura presente nos mitos Sateré-Mawé uma vez que podemos acompanhar seus princípios e fundamentos em qualquer narrativa.

A relação entre o mito e o real é indiscutível, mas não sob a forma de uma *re-presentation*. Ela é de natureza dialética e as instituições descritas nos mitos podem ser o inverso das instituições reais. Isto, aliás acontecerá sempre que o mito procure exprimir uma verdade negativa. (STRAUSS, 1993, p. 182)

Assim, o que é verdadeiro do mito no tempo não o é menos no espaço em que se encontra, mas deve ser expresso de outro modo. A chance que tal cultura tem de totalizar estes conjuntos de invenções de todas as ordens, que denominamos seu tipo de civilização, é função do número e da diversidade das culturas com as quais participa na elaboração – a maior parte das vezes involuntária – de uma estratégia comum. Ou seja, faz parte da cultura sateré-mawé ainda ser permanente na atualidade mesmo que de forma parcial de suas manifestações e expressões.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mito cosmogônico Sateré-Mawé constitui-se de aspectos importantes, não só para a identidade desse povo, mas para uma compreensão da realidade amazônica como um todo, e tais informações, provenientes de tempos antigos, têm a haver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, constituiu civilizações e formaram religiões através dos séculos.

A realização dessa pesquisa que se tratou de uma investigação da figura da Serpente, um elemento presente na mitologia Sateré-Mawé, servindo como um regaste da memória cultural desse povo quase esquecida no tempo.

Na tradição cultural da etnia Sateré-Mawé, os mitos e os símbolos se constituem de um mundo “real” de energia estruturada, como forças naturais, construtoras de realidades que percebemos egoicamente diariamente. Ou seja, a cada passo dado em busca da origem desses povos da floresta amazônica, percebemos que somos movidos, atraídos pelo mistério sedutor



do mito e ao mesmo tempo desafiados pelas forças de poder presentes entre a serpente e o homem como protagonistas das narrativas e que muitas vezes deixamos de lado tais questões quando não tomamos cuidados na busca de entender tais fenômenos.

As experiências de vida dos Mawé giram em torno da linguagem da natureza e dela recebe suas influências. O rio não é apenas o lugar de onde provém o alimento fresco de todos os dias, como os peixes, mas também a morada dos deuses que habitam suas profundezas, como a Iara. A terra não é apenas o solo fértil que gera alimentos cultivados nas roças, mas é também a morada do Guaraná, o chefe por excelência do povo Mawé em forma de arbusto cujo fruto se assemelha a um olho humano e preserva a história dos antepassados. O céu não é somente o lugar dos astros, dos planetas, e os cosmos, e sim o lugar onde habitam os deuses, como o Tupana, Ser que criou tudo o que existe.

As mitologias Sateré-Mawé constituem interpretações das ações das expressões, no mundo real, e muitos símbolos ganham função recíproca em que todos comungarão de seus significados, além de que esses símbolos não esgotam nem traduzem por completo seu sentido, sendo apenas manifestações dele para a realidade do povo amazônico em geral. As mudanças dos costumes e tradições dos povos indígenas se expressam na evolução de seus mitos e interpretações a respeito de forças, mas apenas algumas pessoas percebem e compreendem seu sentido e esse é um dos motivos pelos quais muitas vezes tais mitos são esquecidos, ficando apenas resquícios do que já foi.

Em síntese, toda a construção da vida política, social e cultural da etnia Sateré-Mawé se dá a partir da transmissão de conhecimento fundamentado nas histórias narradas de geração a geração, dos mais velhos para os mais jovens e da vivência cotidiana dessas histórias como parte da vida de cada um. A palavra tem um poder criador e gerador de ações que se tornam ao longo do tempo a própria experiência de vida concreta de cada indivíduo.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongermino e Pedro de Souza, 11ª ed. Editora Bertrand Brasil, 2001.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do Mito**. Joseph Campbell e Bill Moyers (org). Traduzido por Carlos Filipe Moisés. São Paulo: Palas Atenas, 1990.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ª ed. Artmed – Porto Alegre, 2007.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. Editora Atlas, São Paulo, 2002.
- JATOBÁ, Maria do Socorro da Silva. **Memória da criação do mundo: a Palavra Mítica como Técnica Mnemônica**. 2ª ed. Valer, Manaus, 2014.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Editora Jorge Zahar, 14. ed. Rio de Janeiro, 2001.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli; Editora Perspectiva, São Paulo, 2003.
- NASCIMENTO, Solange Pereira do. **O Feminino Sateré-Mawé e suas Manifestações Simbólicas na Amazônia**. Bolsista Fapeam, Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/84667318-Universidade-federal-do-amazonas-instituto-de-ciencias-humanas-e-letras-programa-de-pos-graduacao-sociedade-e-cultura-na-amazonia.html>. Acesso: quarta-feira, 19 de setembro de 2018 às 11h31.
- OLIVEIRA, Silva Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses**. Editora Pioneira, São Paulo, 1999.
- PEREIRA, Nunes. **Os índios Maués**. 2ªed. Valer. Manaus, 2003.
- Platão. **Diálogos: O Banquete – Fédon – Sofista – Político**. Traduções de José Cavalcante de Souza (O Banquete); Jorge Paleika e João Cruz Costa (Fédon, Sofista, Político). Editora Victor Civita. São Paulo, 1972.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ªed. Editora Feevale, Novo Hamburgo, 2013.

RIBEIRO, Maria Goretti. **Imaginário da serpente de A a Z**. [Livro Eletrônico] Campina Grande: EDUEPB, 2017. (Série Literatura e Interculturalidade. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/353462953/Imaginario-Da-Serpente-de-a-a-Z>. Acesso dia 10 de junho de 2019 às 10h01.

**SERPENTES**: religião, magias e mistérios: onde, como e por que são cultuadas. Traduzido para o português por Alexandrina Aparecida e Lopes de Oliveira. Título original: Ophiolatrea. Editora Tahyu, São Paulo, 2005.

STRAUSS, Claude Levi-. **Antropologia Estrutural Dois**. 4ªed. Tempo Brasiliense, Rio de Janeiro, 1993.

STRAUSS, Claude Levi-. **Mito e significado**. Título original: Myth and Meaning. Tradução de Antônio Marques Bessa. Lisboa – Portugal. 1978

UGGÉ, Henrique. **As Bonitas Histórias Sateré-Mawé**. Secretaria de Educação do Estado do Amazonas, Manaus: 1997

YAMÃ, Yaguarê. **Shaypóri**. Editora Peirópolis. São Paulo, 2007.

YAMÃ, Yaguarê. **Puratig**: o remo sagrado; ilustração das crianças Sateré-Mawé: Editora Petrópolis, São Paulo, 2001.

## **ANEXOS**



## A criação do mundo

### *Tradição*

O primeiro mundo Deus levou para o céu.

Os que ficaram, os encantados, sucturis, surucucus, jibóias – resolveram fazer um mundo para eles.

Então fizeram o mundo do corpo da própria irmã – *Unhanmangarú*.

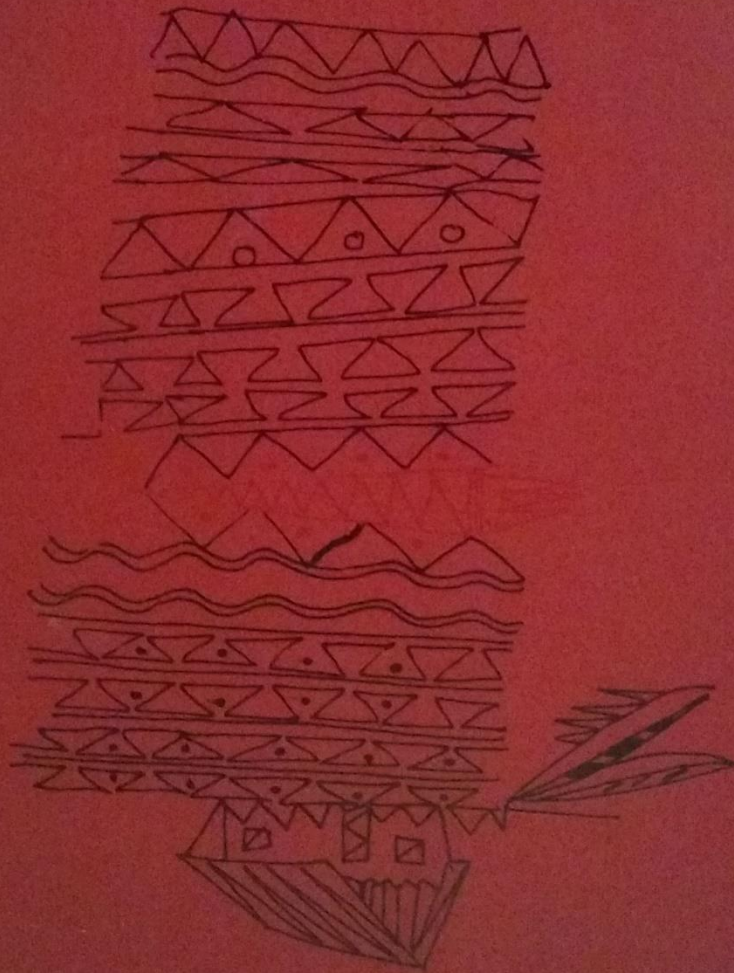
Se ela ficasse com a face para o céu, nunca eles morreriam. Como ficou com a face para a terra, ela nos está chamando sempre para a sua companhia.

Ela disse aos irmãos:

– Vocês me fizeram terra: está bem. Eu vos chamarei, pois, sempre para mim.



YAGUARE YAMA *sehaypori* O LIVRO SAGRADO DO POVO SATERE - MAWE



## A CRIAÇÃO DO MUNDO

### O Gênese Mawé

No começo só existiam as forças cósmicas (Monã), a classe dos deuses: Tupana, o deus do Bem, e Yurupary, o deus do Mal.

Eles criaram os seres estelares que vivem espalhados no Atapy (universo) e que são os corpos luminosos que só aparecem na escuridão da noite.

No universo que os Monã criaram havia dois astros muito especiais. Cada um deles foi feito por um deus e passou a servir como seu símbolo.

Tupana criou A'at, o Sol, e Yurupary criou Waty, a Lua. Esses astros representavam o temperamento e a personalidade de cada deus.

Porém, os deuses não estavam satisfeitos. Queriam que os dois astros se vissem e conversassem. Mas isso não era possível, pois o Sol só aparecia durante o dia, e a Lua, à noite. Assim, nunca se encontravam. Por isso, Tupana e Yurupary fizeram sair do infinito negro a gigantesca serpente Mói Wató Maḡkarú Sése, – para servir de mediadora entre os dois astros.

Assim, a serpente começou a fazer companhia para os dois astros, que logo se apaixonaram por ela, mas a grande serpente não se decidia por nenhum deles. Quando chegava a noite, ela se deitava com a Lua e a amava; logo que despontava a primeira claridade da manhã, ela deixava a Lua dormindo e ia deitar-se com o Sol.

Nenhum dos dois desconfiava da traição e da infidelidade da Cobra-Grande. Até que um dia, Mói Wató Magkarú Sése ficou grávida, porém não sabia quem era o pai de seu filho. Então, foi queixar-se aos deuses. Yurupary não deu a mínima importância para o acontecido; disse que ela poderia fazer o que bem entendesse, pois não havia regra para isso. Tupana, triste, a censurou e mandou-a procurar descobrir quem era o pai.

Foi assim que os dois astros souberam o que a Cobra-Grande fizera com eles. Sentindo-se enganados, deixaram-na e subiram para o céu, para bem longe dela.

Tupana quis consertar o mal feito pela Cobra-Grande. Profetizou o nascimento de mais dois astros que mudariam toda a história do universo; ele mesmo iria abençoá-los e criaria os seres que morariam neles.

O tempo passou, até que a grande serpente pariu dois gêmeos: Y'ywató, o planeta das Águas, sem terra, habitado por criaturas fantásticas; e Ywyka'áp, o planeta Terra, sem água, habitado por seres minerais.

Tupana gostou do nascimento desses planetas, filhos da Cobra-Grande, porque via neles o começo de sua obra-prima. Por isso, dedicou-se mais à criação desses filhos. Assim, começou a aumentar o número de lugares e habitantes nesses novos planetas. E em tudo aquilo que Tupana criava colocava os Painí-Pajés, com poderes mágicos, para substituí-lo, além de cuidar da saúde e do bem-estar dos habitantes.

Enquanto isso, Yurupary, o deus "contrário", não o ajudava. Ao contrário, criava outras coisas, mas inferiores, menos interessantes e bonitas que as de Tupana, pois, apesar de tentar, não conseguia imitá-lo.

Assim, por causa das belas criações de Tupana e pelo fato de os Painí-Pajés serem muito mais poderosos que os Pajé-Poxy (sacerdotes criados pelo deus do Mal), Yurupary passou a ter inveja do outro deus, e a inveja, um dia, transformou-se em ódio.

Se, antes, os dois deuses sempre estavam juntos, tratando-se como amigos, tudo mudou: a amizade acabou, e passaram a desconfiar um do outro.



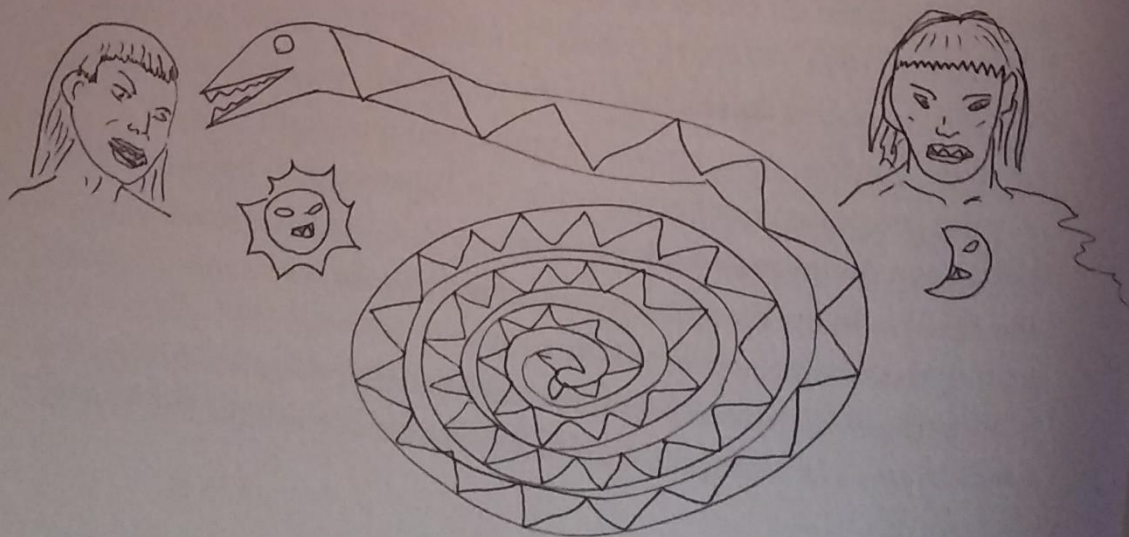
Yurupary, tomado de inveja e ódio, sempre encontrava um pretexto para opor-se às obras do deus do Bem, procurando torná-las feias.

Por isso, não quis ajudá-lo a criar mais mundos pelo universo. Procurava meios de fazer Tupana arrepender-se do que havia feito e não quis unir-se a ele para repreender a Cobra-Grande pelo mau comportamento. Assim, tornou-se protetor dela, acobertando as más ações que ela praticava.

Tupana, sentindo a traição de Yurupary e vendo que ele só tentava atrapalhá-lo em sua criação, afastou-o de sua companhia, separando a bondade e a maldade, a alegria e a tristeza, a amizade e a inimizade. Yurupary passou a ser o deus que se opunha em tudo a Tupana, com apoio e simpatia de vários Encantados descontentes com o deus do Bem, assim como os seus sacerdotes Pajé-Poxy.

(Até então, das entidades poderosas que existem na natureza, só havia os dois deuses – Tupana e Yurupary –, seus sacerdotes – Painí-Pajés e Pajé-Poxy –, a Cobra-Grande, e os seres Encantados que habitavam o planeta Água. Nada mais.)

Assim sucedeu-se a primeira fase da criação.



Muito tempo se passou. A Cobra-Grande foi morar no planeta Água, que ela própria gerara, junto com outros seres mágicos, no lugar mais profundo criado por Yurupary, e lá se quietou, esperando uma ordem do deus do Mal.

Um dia, Tupana resolveu unir os dois planetas.

O planeta Terra então começou a beber o planeta Água até vazar em fontes cristalinas, cachoeiras, igarapés, lagos e rios. As águas, unidas aos seres minerais, mudaram de cor, gerando os mares. A terra tornou-se macia e fértil, parindo florestas, campos e cerrados. Dessa união mágica surgiram novos seres com formas e vidas diferentes. Logo os deuses incumbiram o Sol e a Lua de iluminar o planeta nascido da união dos dois.

O tempo foi passando, com os dias colorindo a vida. Criou-se um verdadeiro paraíso, lindo e perfeito, como Tupana sempre sonhara. Então, para que sua bela obra não se tornasse feia, colocou seus Painí-Pajés para que dela cuidassem, além de fazer com que todos os seres que ali habitassem não se tornassem imortais. Além disso, Tupana manteve os seres racionais longe desse lugar, pois preferia deixar o mundo perfeito, intacto, um verdadeiro paraíso.

Mas, com a união dos planetas, os seres imortais das águas, que observavam as transformações, ficaram com vontade de partilhar a vida na terra que, para eles, parecia repleta de felicidades. Eles então pediram aos Pajés que os transformassem em seres terrestres.

Prudentes, os Pajés disseram:

– Olhem aquelas palmeiras e aquelas árvores lindas! Olhem lá aquelas flores intocadas... todas perfeitas. A vida lá é linda, santa e sem pecado... Indo para lá, vocês, como todos os seres da superfície, deverão se comportar segundo as leis de Tupana.

Eles responderam:

– Queremos ir assim mesmo, porque a vida lá tem leis. Deve ser emocionante banhar-se ao sol, andar nas praias e florestas, voar na imensidão do céu. Tudo parece ser alegre e maravilhoso!

Os Pajés advertiram:

– O portal dimensional está aberto para os que quiserem ir, mas lembrem-se: é um caminho sem volta!

Assim, ao saírem das águas, esses novos habitantes ganharam formas que nem se podia imaginar e viveram por muito tempo, até que de tanto evoluir, começaram a desagradar ao bom deus Tupana, pois já não lhe obedeciam. Queriam estar sempre ao lado de Yurupary, deus do Mal, que os influenciava, procurando ser como ele. Por isso, uniram-se à desobediente serpente Mói Wató Maḡkarú Sése, que, vendo os habitantes se desenvolverem, tornando-se bonitos e perfeitos, pôs-se a copular e gerar muitos filhos maus como ela. E foi assim que o mundo perfeito, abençoado por Tupana, foi corrompido.

Tupana arrependeu-se de ter criado o paraíso, pois seus habitantes haviam se tornado maus, e resolveu tirar o planeta Terra de dentro do planeta Água, levando-o de volta para o céu.

Ao ser levado de volta para o cosmos, o planeta Terra começou a vazar, provocando chuvas, tempestades. Desse dilúvio, nunca visto antes, restou apenas o planeta Água, habitado pelas criaturas fantásticas e seus Painí-Pajés.

As criaturas do planeta Água que voltaram para o ventre materno não conseguiram esquecer o planeta Terra, levado por Tupana, e, com saudade, indagaram aos Pajés:

– Por que Deus levou o planeta Terra de volta para o céu? Se ele o queria, por que o uniu ao planeta Água?

Os Pajés responderam:

– Vocês não souberam morar no paraíso. Comportaram-se mal diante de Tupana. Por isso, ele o tirou de nós.

– Foi tudo culpa da Cobra-Grande – falaram os Encantados. – Agora que voltamos para a água, estamos arrependidos.

Foi então que um Pajé indagou:

– Será que nós, com os poderes mágicos que Deus nos deu, não poderíamos criar um planeta Terra e assim conceber o nosso próprio paraíso?

E o mais poderoso dos Painí respondeu:

– Não! Só os Monã têm poder de criar alguma coisa! Nós, os Pajés, só temos o poder de transformar e utilizar o que Deus criou. Nada mais!

– Se fizermos uma grande pajelança, provavelmente transformaríamos uma das criaturas fantásticas num planeta. Será que alguém está interessado nisso?

Um dos Encantados respondeu:

– Sou uma tartaruga grande e tranqüila! Por uma boa causa, eu gostaria de fazer esse sacrifício!

– Não! – respondeu o poderoso Pajé. – Bicho de casco duro não dá para esticar muito, vai arrebentar!

– Eu sou um peixe grande – disse outra criatura. – Quem sabe eu sirva?

– Não! – respondeu de novo o poderoso Pajé. – Peixe de escamas dá para esticar, mas a terra ficaria pequena como uma ilha.

– Bem, como vocês sabem, sou a irmã caçula das Unhamangará, as Cobras-Grandes, e posso, junto com minhas irmãs e meus irmãos, os Encantados, forçar a nossa mãe Mói Wató Maḡkarú Sése a ceder o seu corpo para transformá-lo em mundo. Afinal de contas, ela foi a maior culpada por Tupana ter-nos tirado o mundo perfeito. Merece ser castigada! Maḡkarú Sése, como vocês sabem, é a maior criatura que existe e, por isso, pode crescer muito e engordar sem parar, e nós, Sukurijús, somos muito tranqüilas. Com certeza, ela terá de aceitar ser um planeta tão bonito quanto o primeiro.

– Você está certa, irmã Unhamangará! – disseram os Pajés. – Maḡkarú Sése terá de ser castigada por todas as coisas ruins que tem feito. Tragam-na para nós, e a transformaremos em Terra.

Então os Encantados buscaram Maḡkarú Sése, sua própria mãe, para ser transformada em um novo mundo.

– Ah, agora podemos fazer a grande pajelança! – disse o todo-poderoso Painí-Pajé dos Encantados. – Temos as tintas: o jenipapo azul ajuda a captar as energias do céu; o urucum vermelho atrai as energias douradas do Sol; o carvão preto atrai as forças telúricas; o açafraão amarelo desperta-nos a espiritualidade; a argila branca traz-nos paz e tranqüilidade; as penas dão-nos a liberdade de voar; os marãgká e tambores serão o pulsar da Terra; e as flautas abrirão os portais transcendentais!

– Então, vamos começar a enfeitar a nossa irmã, mãe das Unhaman-garás, com tintas e penas – sugeriu outro Pajé.

E todos começaram a pajelança.

O grande Painí pronunciou a primeira profecia:

– Assim, todos saberão que a Mãe-Terra na realidade é a outrora todo-poderosa Mói Wató Maãkarú Sése, cujo nome significa “Sukurijú emplumada”, um ser vivo, pronto para continuar a ser a mãe de todos os seres que virão após seus filhos, os primeiros de uma geração que surgirá neste planeta!

– Eu faço a segunda profecia! – disse outro Pajé. – Vou dar destinação ao futuro da irmã Maãkarú Sése, serpente culpada por Tupana ter-nos tirado o paraíso, e cuja transformação será sua prisão como forma de sentença eterna. Você, grande Serpente, será a Mãe-Terra! Como sempre desejou ser mãe de seres, agora terá sua oportunidade. Vai sentir as águas encharcarem seu corpo e vazar como fontes, cachoeiras, igarapés, lagos, rios e mares; vai sentir o milagre de novas vidas brotando de você! Será praia! Será rochedo! Será floresta! Você vai alimentar e agasalhar todos os filhos que virão! Será coberta pelo manto da noite pontilhada de estrelas, de luar prateado! Vai sentir os raios dourados do Sol amornar estufas, que irão gerar muitas vidas!

– Você vai se transformar em Mãe-Terra composta de seres minerais: ouro, prata, diamantes, esmeraldas, cristais, urânio, nióbio, petróleo, ferro e tantos outros, com os devidos guardiães, Pajés que irão garantir a sua

saúde, energia vital e eterna juventude! – vaticinou outro Painí. – Nossos parentes, que serão transfigurados em seres terrestres, anfíbios e alados, irão preservar sua saúde, assim como todos aqueles que surgirão do seu ventre irão amá-la e preservá-la eternamente!

Enquanto faziam a pajelança, falavam e falavam das vantagens que todos teriam com a transformação da serpente em Mãe-Terra.

– Temos certeza de que seus habitantes serão amáveis e compreensíveis! Vamos enviar Pajés guardiães da natureza para manter o equilíbrio e punir aquele que ousar desobedecer às regras estabelecidas – confirmou outro Pajé.

– Irmãos Encantados – disse um Pajé – a pajelança está dando resultado. Maḡkarú Sêse está virando Terra!

Então, o Painí maior ordenou:

– Ó, grande Serpente, a sua transformação está se efetuando! Quando nós estivermos finalizando o ritual, você deve olhar para o Atapy e se virar para cima. Assim, seus filhos e todos os seus descendentes terão vida eterna. Caso contrário, se olhar para baixo, eles perderão a imortalidade. Serão mortais, e isso não pode acontecer. Se acontecer, voltarão para você, virando Terra.

– É verdade – disse a Cobra-Grande, cujo corpo começou a ficar imobilizado.

E, num gesto de tristeza, respondeu:

– Sinto que a pajelança está transformando minha carne em minerais, em terra firme. As águas correm em minhas veias como nascentes, formando lagos, rios e mares. Sinto a floresta brotando pelos meus poros. Vejo o Sol, o meu grande amante, colorindo a vida transformada em mim. Percebo a Lua, meu outro amante, rebocando a noite de estrelas. É tudo grandioso e divino! Sei que querem que eu fique igual ao meu primeiro filho, transformado em paraíso: lindo, cheio de belezas naturais, todo perfeito, sem espinhos, sem dor, sem maldade. Mas se enganaram! Não farei tudo o que querem, pois me forçaram a dar o meu corpo para ser Terra.

Assim, num último suspiro, Maḡkarú Sése virou-se de bruços, com a face voltada para baixo, desobedecendo à ordem do Painí.

– Vocês me fizeram Terra, está bem, mas eu os chamarei sempre para mim. Esse será o preço que vocês pagarão por terem me transformado em um planeta!

Por essa razão, todos os seres morrem, até mesmo os seres humanos, pois a Mãe Cobra-Grande, transformada em Mãe-Terra, está sempre nos chamando e dela não podemos escapar.

O paraíso criado do corpo de Maḡkarú Sése não foi perfeito como o primeiro, pois ela estava com raiva e contrariada por se tornar Terra. Por isso, no mundo atual crescem espinhos, tiriricas, urtigas e tudo o que há de ruim na natureza. Além disso, era um mundo sem água – diferente do primeiro que Tupana criara, onde havia água e terra. Os Painí só conseguiram criar a Terra, pois não havia nada igual à água que pudesse ser transformado nela.

Quando a Cobra-Grande foi totalmente transformada, o maior dos Painí-Pajés avisou dos cuidados que os habitantes deveriam ter para com a Mãe-Terra:

– Finalmente, o segundo mundo foi criado! Apesar da nova condição de seus habitantes, como mortais, ele é lindo e precisa ser cuidado!

– Sim – responderam os outros Pajés. – Quem garante que esse novo mundo não será corrompido como o primeiro, que foi levado para o céu por Tupana por arrependimento? Quem garante que nós também não vamos nos arrepender de tê-lo criado?

Os Encantados e seres fantásticos que habitaram o primeiro mundo prometeram não corromper o segundo mundo, como fizeram com o paraíso de Tupana. Eles mesmos quiseram protegê-lo. Mas o que fazer com os novos seres que viriam?

– Se poluírem as suas águas? Se poluírem o seu ar? Se removerem os seus minérios?

– Os guardiães dos minerais irão lançar suas forças avassaladoras e acabar com o segundo mundo!

– Não! Não podemos confiar tanto assim nos novos filhos da Mãe-Terra que estão por vir e se chamarão humanos. Não podemos confiar tanto assim nesses habitantes que tentarão modificar tudo.

E, lembrando-se da predição da imortalidade, olharam para a Mãe-Terra. Então, falaram aos Encantados:

– Meus irmãos, sabemos que vocês não querem que aconteça o que aconteceu com o primeiro mundo, mas não se preocupem: enquanto esses novos habitantes, que dividirão com vocês o paraíso, o tratarem bem, ele continuará sendo a Mãe-Terra, que cuidará para que todos sejam felizes! Porém, se agirem mal, se mexerem onde não devem, se destruírem a natureza, o paraíso voltará a ser Mói Wató Maḡkarú Sése, a mãe de todas as cobras, e mergulhará levando todos para as profundezas; e não haverá um terceiro planeta para habitarem!

(Esse é um importante aviso dado pela sabedoria dos grandes Pajés, gravado no remo sagrado Puratiḡ, há centenas de anos, e que não deve ser esquecido por nós, habitantes da Mãe-Terra.)

Enfim, os Encantados voltaram a viver do lado seco, como queriam, porém ainda não havia água no planeta nem nada que pudesse ser transformado nela.

Tupana, o Grande Pai, foi quem primeiro regeu daí em diante toda a vida na Terra, pois, depois de criado o novo mundo, os Encantados emprestaram seus poderes para Tupana e o convidaram a ser o legislador das leis da natureza.

Yurupary, procurando usurpar esse direito, criou as Visajes, que se uniram aos demônios para se oporem ao trabalho dos espíritos bons e de Tupana, formando com isso uma grande ordem de fantasmas, seres, Visajes e demônios para pelejar a favor do deus do Mal.

Assim foi o começo de tudo, o começo da vida e da existência. Tudo foi feito pelas mãos dos deuses Tupana e Yurupary e também dos sacerdotes Painí-Pajés e Pajé-Poxy.





UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS – SIB/UEA  
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL  
GRADUAÇÃO

1. GRADUAÇÃO  Monografia  Artigo Científico  Relatório Final

2. Outros Tipos: \_\_\_\_\_

3. Identificação do Autor

Nome: Mateus William da Silva Dore

RG: 2455796-0 CPF: 019.732.04225 Email: mateuswilliam.mws276@gmail.com

Orientador: Delma Pacheco Siesu

CPF:

Co-orientador:

CPF:

4. Identificação do Documento

Curso: Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa

Título da obra: A Importância da figura da Serpente no mito cosmogônico Sateré-Mawé

Número de páginas: 31

Data da defesa: 02/08/19

Palavras-Chave: Mito, Cosmogonia, Serpente

5. Informações de Acesso ao Documento

Este documento é confidencial?\*

Sim

Não

Este trabalho ocasionará registro de patente?

Sim

Não

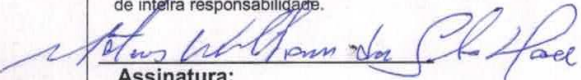
Este trabalho pode ser liberado para reprodução:

Total

Parcial

Em caso de reprodução parcial, especifique quais os capítulos:

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação supracitada, de acordo com a Lei nº 9.610/98, autorizo a Universidade do Estado do Amazonas a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissões assinaladas acima, o documento em meio eletrônico na Rede Mundial de Computadores, no formato digital PDF, para fins de leitura, impressão ou download, a título de divulgação científica gerada pela Universidade, a partir desta data. Estou ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade.

Assinatura: 

Data: 02/08/19

Local: Manaus-Am

\*A restrição poderá ser mantida por até um ano a partir da data de autorização da publicação. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à Coordenação do Curso. Todo resumo estará disponível.